

Eugénio Lisboa

O essencial sobre

JOSÉ RÉGIO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Talent alone cannot make a writer.  
There must be a man behind the book.*

EMERSON

Nascido em Vila do Conde, em 17 de Setembro de 1901 (e não de 1899, como indica a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*), José Régio cresceu, fez-se homem e iniciou a aventura cultural que foi a publicação da revista *presença*, num período que conheceu muita agitação política e assistiu a duas mudanças de regime: em 1910, com a proclamação da república, a monarquia viu chegar o seu fim, e em 1926, com a revolta militar do 28 de Maio, a quase incipiente república volatilizava-se, sem glória e, provavelmente, para alívio de um não pequeno número de portugueses.

O ano do nascimento de José Régio foi, assaz simbolicamente, o ano em que Afonso Costa apresentou, na Câmara dos Deputados, uma moção no sentido de substituir

as instituições políticas vigentes por outras de «feição republicana». Régio começou muito cedo a perfilhar ideias republicanas, no seio de uma família de monárquicos (incluindo o pai). De resto, o seu percurso político será sempre muito claro, muito firme e não raro pejado de riscos, ao contrário do que foi supondo ou analfabetamente julgando ou maquiavelicamente preferindo acreditar uma certa crítica que sobretudo detestava a independência dos que, em Portugal, faziam arte e literatura, alheios a «mandatos».

Vila do Conde, com o mar e a praia, ficará, para sempre, a origem, a referência fundamental, o «aconchego». Numa carta dali escrita, em 1928, a Carlos Queirós, Régio dirá: «Sim, Você tem razão: eu, aqui, tenho o mar! Nas manhãs de sol procuro os sítios desertos da praia. E rolo-me, entre as ondas e a areia — como um objecto que o mar desse à costa... Volto ao mar à tarde, e leio até escurecer. [...] O mar, os livros, e eu — não tenho outra companhia.»<sup>1</sup> E, com data de cinco dias antes, numa carta a um amigo, registada no seu diário, indicava, com incontida exaltação, a sua profunda empatia com o mar: «Cá vivo na intimidade do Mar e de alguns livros queridos. Mas o Mar, o teu 'Sumo Poeta', é o mais querido e o mais relido dos meus livros. O Mar é um livro onde toda a gente pode ler tudo: É um livro onde todos podem ler o que há de mais recôndito em sua própria Alma. O Mar é um resumo da

---

<sup>1</sup> *Correspondência*, Lisboa, 1994, pp. 24-25.

Natureza. É uma síntese da Criação. É um Espelho de Deus...»<sup>2</sup>

José Maria dos Reis Pereira (de seu verdadeiro nome) era filho de José Maria Sobrinho (1876-1957) e de Maria da Conceição Reis Pereira (1876-1946). O pai, ourives, foi amigo de António Granjo e, embora de instrução formal limitada, mostrou sempre gosto pela leitura e, sobretudo, pelo teatro, ensaiando «sucessivos grupos de amadores vilacondenses»<sup>3</sup> e «chegara a querer seguir a carreira do palco»<sup>4</sup>. Dele viria José Régio a herdar um gosto profundo por esse mesmo teatro, que o levará, mais tarde, a considerar o seu próprio como «a parte mais original e densa da minha obra», acrescentando: «sem dúvida é mais difícil de entender do que as sátiras de *A Chaga*»<sup>5</sup>.

Da mãe, fina, sensível, embora de educação rudimentar, viria Régio a herdar o seu pendor artístico. Dela dará, no 4.º volume do seu romance cíclico, *A Velha Casa*, um retrato fiel, na figura de Maria Teresa, mãe do protagonista: «Decerto, não excediam as suas [de Maria Teresa] habilitações literárias qualquer primária cultura das senhoras azurarenses. Grandemente as superava, todavia, na esquisitice da sensibilidade e na força duma personalidade nunca inteiramente recalçada.»<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, 2000, p. 39.

<sup>3</sup> *Confissão Dum Homem Religioso*, Porto, 1971, p. 26.

<sup>4</sup> *Idem*.

<sup>5</sup> *Páginas do Diário Íntimo*, p. 272.

<sup>6</sup> *A Velha Casa, IV — As Monstruosidades Vulgares*, Lisboa, 1960, p. 38.

Nos antepassados de José Régio havia, pelo lado paterno, mestres de pescaria, carpinteiros, alquiladores e logistas; pelo lado materno, pescadores e capitães de navio de longo curso<sup>7</sup>. Monteiro dos Santos põe a hipótese, ainda não verificada, de o piloto do século XVI, Pedro Enes Mandinga se encontrar entre os antepassados de Régio, pelo lado da mãe<sup>8</sup>.

O casal teve, além de José Maria (o mais velho) e de duas filhas, que faleceram muito cedo, mais quatro filhos: Júlio (n. 1-1-1902; m. 17-1-1983), que se notabilizaria como poeta e artista plástico; Antonino Maria (n. 25-1-1905; m. 5-10-1965), que emigrou para o Brasil, ali tendo falecido; Apolinário José (n. 9-2-1917; m. 18-3-2000), oficial do exército, no ramo da administração militar, e também artista plástico; e, finalmente, João Maria (n. 17-12-1922), poeta e prosador, de perfil voluntariamente discreto.

A infância de José Maria, sobretudo na companhia de Júlio, foi feliz e vigiada de perto pela mãe, sempre ansiosa: brincadeiras de rua, teatro («mantínhamos uma companhia de amadores, eu, o Júlio, o Antonino e uma nossa prima da mesma idade — estrela única da Companhia»<sup>9</sup>), leituras

---

<sup>7</sup> «Ascendentes de José Régio», de Monteiro dos Santos, in *Vila do Conde*, Boletim Cultural da Câmara de Vila do Conde, Nova Série, n.º 6, Dezembro de 1990, p. 61.

<sup>8</sup> *Idem*.

<sup>9</sup> *Confissão Dum Homem Religioso*, p. 27.

entusiásticas de romances de cordel («*O Rocambole e Os Dois Garotos* [...] foram dos meus primeiros grandes entusiasmos romanescos»<sup>10</sup>), de alguma poesia. Dos 12 para os 13 anos, escreve «o primeiro caderno de versos», do qual observará mais tarde: «Como eram de amor e melancolia, os versinhos chamavam-se... *Violetas*.»<sup>11</sup> Com cerca de 15 anos, devora o *Só*, de António Nobre, que o impressiona «extraordinariamente»<sup>12</sup>. Mas o seu mundo — que ficará, para sempre, com o mar de Vila do Conde, o seu domínio, a sua referência, o seu *aconchego* — era o da velha casa onde nasceu, situada na Avenida que hoje se chama Avenida José Régio. No romance *As Raízes do Futuro*, segundo tomo da soma romanescas significativamente intitulada *A Velha Casa*, dedica algumas páginas ao velho domínio, símbolo, a um tempo, da sua infância cheia, de uma forma de felicidade para sempre fixada na memória e, também, de uma «eternidade» possível: «Assim, mais do que nunca, se lhe tornara aquela casa um mundo: o seu verdadeiro mundo. Como quem vai, a certa hora, sentar-se num certo banco de certo jardim público, ia, pelo entardecer, sentar-se com um livro na sala de jantar, a uma das janelas quase rentes ao quintal. Às vezes, madrinha Libânia estava no canapé. Mas a sua presença contemplativa a que se habituara [Lelito] durante a doença, não

---

<sup>10</sup> *Idem*, pp. 34-35.

<sup>11</sup> *Poemas de Deus e do Diabo*, 7.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1969, p. 113.

<sup>12</sup> *Confissão Dum Homem Religioso*, p. 52.

lhe era senão um aconchego mais.»<sup>13</sup> E, adiante, acrescentava: «Porque não bastava que viesse sentar-se à janela da sala de jantar, como quem vai sentar-se num banco predilecto dum jardim público; não bastava que entre certos escaninhos da casa, que buscava nas horas de particular devaneio, e as partes mais agitadas pela lida quotidiana, visse a mesma diferença que há entre certos recantos duma cidade e os seus centros mais movimentados; não bastava que passasse nos corredores, entrasse nos quartos, subisse ou descesse as escadas trocando umas palavras com quem topasse, como quem sai a divagar pelos cafés e ruas, dando uns dedos de palestra aos amigos; não bastava que hesitasse, às vezes, entre o instalar-se numa ou noutra parte (por exemplo: na sala de jantar ou a uma das janelinhas do sótão; no seu quarto ou varanda da buganvília; na saleta contígua ao quarto de madrinha Libânia ou na sua pedra por trás das canas-da-Índia), como quem hesita entre os sítios mais afastados, convidativos todos mas por atractivos diversos; não bastava, em suma, que fosse a casa para ele uma cidade inteira... mais que uma cidade, um mundo! Era preciso que a sua imaginação a tivesse identificado com um ser vivo. Pois não lhe sentia ele bater o coração? Não aprendera a penetrar nas encantadoras delicadezas do seu espírito? Se ninguém mais o sabia — sabia ele que a sua casa tinha alma e nervos. Reconhecia-lhe os dias de melancolia, as horas de festa,

---

<sup>13</sup> *As Raízes do Futuro*, 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1994, p. 122.

os vaivéns do humor... Destas coisas, porém, não podia falar senão consigo próprio: ou, às vezes, nos seus papéis, — o que vinha a dar no mesmo. Eram coisas que faziam parte do seu segredo.»<sup>14</sup> A casa tinha, portanto, um valor duplo: era um mundo — com o equivalente a ruas, cafés, encontros, mudanças de humor — e *constituía um segredo*: só ele, Lelito/Régio, lhe conhecia os *valores*. Por isso acrescentava, um pouco adiante, nesta mesma passagem do romance: «O que lhe mostrava a experiência é que ninguém, senão ele, sabia na casa como ela tinha personalidade própria; como dessa personalidade compartilhavam todos os aposentos, tendo, embora, cada um o seu aspecto funcional; e como não só a personalidade da casa era insubmissa às coisas e pessoas que a povoavam, mas antes acabava por pesar sobre os seus gestos, palavras, atitudes, sentimentos...»<sup>15</sup>

Não será, pois, de estranhar que esta casa mítica, este microcosmo abrangente e abrigo de todos os afectos, felicidades e também conflitos, encontros e desencontros, se venha a tornar o deus tutelar e o quase principal protagonista da obra a que Régio viria a consagrar quase quarenta anos da sua vida activa de escritor. E, também, o sítio (o lugar onde) da sua escrita, onde melhor e mais *protegido* se virá a sentir, como testemunha, por exemplo esta passagem de uma carta dirigida ao seu grande amigo,

---

<sup>14</sup> *Idem*, pp. 123-124.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 125.

Alberto de Serpa, em 8 de Abril de 1948: «São os dois melhores momentos do meu dia: aquele em que trabalho n' *A Velha Casa*, esquecido até do tempo, e aquele em que trato do meu pequeno jardim, instalado em vasos num pequeno terraço ao pé da cozinha.»<sup>16</sup> E, nove anos mais tarde (15 de Outubro de 1957), numa carta dirigida ao autor deste livrinho, Régio reiterava esta espécie de felicidade (relativa mas genuína e intensa) que encontrava no retorno à velha casa, por via da escrita: «Apesar da doença, (ou talvez até ela, nisso, me tenha ajudado um pouco) voltei a *A Velha Casa* com certo ardor. [...] Por agora, são *As Monstruosidades Comuns* (ou vulgares)<sup>17</sup> que me tomam todo o tempo disponível. E o tempo mais feliz que passo é o que passo lá dentro.»<sup>18</sup> Na *Velha Casa* — o referente e aquela que a obra nos entregará romanceada e mitificada — Régio investirá o melhor do seu capital emotivo, intelectual e estético, conforme indicará numa carta que, em 13 de Agosto de 1967, já próximo do fim da sua vida, escreverá ao seu amigo e dramaturgo, Prista Monteiro. Comparando esta soma romanesca com o *Jogo da Cabra Cega*, de 1934, que tem por um «livro de abandono e excesso», produto de um autor «ainda muito adolescente», observa: «Mas *A Velha Casa* — à parte o que em mim há

---

<sup>16</sup> *Correspondência*, p. 207.

<sup>17</sup> *As Monstruosidades Vulgares*, 4.º vol. da série *A Velha Casa*, Lisboa, 1960.

<sup>18</sup> Carta a E. Lisboa, in *José Régio — A Obra e o Homem*, Lisboa, 1976, p. 102.

*A Virgem-Mãe* (1947), 4.<sup>a</sup> ed. (1994), incluída no volume *Teatro*, do Círculo de Leitores; *El-Rei Sebastião* (1949), 2.<sup>a</sup> ed. (1978); *A Salvação do Mundo* (1954), 4.<sup>a</sup> ed. (1984); *Três Peças em Um Acto* (1957), «Três Máscaras», «O Meu Caso» e «Mário ou Eu Próprio — O Outro», 3.<sup>a</sup> ed. (1980); *Sonho de Uma Véspera de Exame* (1989); *Teatro* (1994), inclui a 4.<sup>a</sup> ed. de *Benilde* e as 4.<sup>as</sup> eds. de «O Meu Caso» e «Mário ou Eu Próprio — O Outro». **Crítica e ensaio:** *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (1925); *Críticas e Criticados* (1936), inclusão posterior na 2.<sup>a</sup> ed. de *António Botto e o Amor*; *António Botto e o Amor* (1937-1938), 2.<sup>a</sup> ed. (1978); *Em Torno da Expressão Artística* (1940), 2.<sup>a</sup> ed. (s. d.), passou depois a ser incluído no volume *Três Ensaios sobre Arte* (duas edições) e foi também incluído no volume *Crítica e Ensaio — I*, do Círculo de Leitores (1994); *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa* (1941), reformulação de *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, 4.<sup>a</sup> ed. (1976). Tem uma 5.<sup>a</sup> ed., incluída no vol. *Crítica e Ensaio — I*, do Círculo de Leitores (1994); *Ensaios de Interpretação Crítica* (1964) — Camões, Camilo, Florbela, Sá-Carneiro, 2.<sup>a</sup> ed. (1980). Estes ensaios foram posteriormente incluídos no volume *Crítica e Ensaio — 2*, do Círculo de Leitores (1994), constituindo, para todos os efeitos, uma 3.<sup>a</sup> ed.; *Três Ensaios sobre Arte* (1967), «Em Torno da Expressão Artística», «A Expressão e o Expresso» e «Vistas sobre o Teatro», 2.<sup>a</sup> ed. (1980); *Páginas de Doutrina e Crítica da «Presença»* (1977); *Escritos de Portalegre* (1984); *Crítica e Ensaio — 1 e 2* (1994). **Páginas íntimas:** *Confissão dum Homem Religioso* (1971), 3.<sup>a</sup> ed. (1994); *Páginas do Diário Íntimo* (1994), 2.<sup>a</sup> ed. (2000). **Correspondência:** *Jorge de Sena/José Régio* (1986); *José Régio e Flávio Gonçalves — Os Caminhos de Uma Amizade* (1989); *Correspondência*, para vários destinatários (1994), Círculo de Leitores; *José Régio/António Sérgio* (1994); *Correspondência Familiar (Cartas a Seus Pais)* (1997). **Antologia:** *Líricas Portuguesas*, 1.<sup>a</sup> série (1944), selecção, prefácio e notas, 4.<sup>a</sup> ed. (1967); *Luís de Camões* (1944), introdução, selecção de textos e notas (o texto da introdução passou a fazer parte dos *Ensaios de Interpretação*

*Crítica*); *Poesia de Amor* (1945), de colaboração com Alberto de Serpa, 1.<sup>a</sup> ed. esgotada; *Poesia de ontem e de hoje para o Nosso Povo Ler* (1956), 3.<sup>a</sup> ed. esgotada; *Alma Minha Gentil* (1957), *Antologia da Poesia Portuguesa*, de colaboração com Alberto de Serpa, 1.<sup>a</sup> ed. esgotada; *Na Mão de Deus* (1958), *Antologia da Poesia Portuguesa*, de colaboração com Alberto de Serpa, 1.<sup>a</sup> ed. esgotada.

## BIBLIOGRAFIA PASSIVA

Nos livros e publicações adiante indicados, encontra-se inventariada uma importante bibliografia dedicada a José Régio: **Eugénio Lisboa**: *José Régio — A Obra e o Homem*, Lisboa, 1976; *O Segundo Modernismo em Portugal*, Lisboa, 1977, 2.<sup>a</sup> ed., 1984; *José Régio — Uma Literatura Viva*, Lisboa, 1978, 2.<sup>a</sup> ed., 1992; *José Régio ou a Confissão Relutante*, Lisboa, 1988; n.<sup>os</sup> 1 (Dezembro de 1997), 2 (Junho de 1998), 3 (Dezembro de 1998), e 4 e 5 (Dezembro de 1999) do *Boletim do Centro de Estudos Regianos*, de Vila do Conde.

## COLECÇÃO ESSENCIAL

Últimas obras publicadas:

32. *Jaime Cortesão*  
por José Manuel Garcia
33. *José Saramago*  
por Maria Alzira Seixo
34. *André Falcão de Resende*  
por Américo da Costa Ramalho
35. *Drogas e Drogados*  
por Aureliano da Fonseca
36. *Portugal e a Origem da Liberdade dos Mares*  
por Ana Maria Pereira Ferreira
37. *A Teoria da Relatividade*  
por António Brotas
38. *Fernando Lopes-Graça*  
por Mário Vieira de Carvalho
39. *Ramalho Ortigão*  
por Maria João Lello Ortigão de Oliveira
40. *Fidelino de Figueiredo (O crítico)*  
por A. Soares Amora
41. *A História das Matemáticas em Portugal*  
por J. Tiago de Oliveira
42. *Camilo*  
por João Bigotte Chorão  
(2.<sup>a</sup> edição)
43. *Jaime Batalha Reis*  
por Maria José Marinho
44. *Francisco de Lacerda*  
por J. Bettencourt da Câmara
45. *A Imprensa em Portugal*  
por João Luís de Moraes Rocha

46. *Raúl Brandão*  
por António M. B. Machado Pires
47. *Teixeira de Pascoaes*  
por Maria das Graças Moreira de Sá
48. *A Música Portuguesa para Canto e Piano*  
por J. Bettencourt da Câmara
49. *Santo António de Lisboa*  
por Maria de Lourdes Sirgado Ganho
50. *Tomaz de Figueiredo*  
por João Bigotte Chorão
- 51-52. *Eça de Queirós*  
por Carlos Reis
53. *Guerra Junqueiro*  
por António Cândido Franco
54. *José Régio*  
por Eugénio Lisboa
55. *António Nobre*  
por José Carlos Seabra Pereira
  
2. *Antero de Quental*  
por Ana Maria Almeida Martins  
(3.ª edição, revista e aumentada)
9. *Fernando Pessoa*  
por Maria José de Lancastre  
(reimpressão da edição de 1985)

Esta 2.<sup>a</sup> edição  
foi composta e impressa  
na  
*Imprensa Nacional-Casa da Moeda*  
com uma tiragem de 500 exemplares.  
Orientação gráfica do Departamento Editorial da INCM.

Acabou de imprimir-se  
em Julho de dois mil e sete.

ED. 1014572  
ISBN 978-972-27-1065-7  

---

DEP. LEGAL N.º 261 965/07

